

SMUGA CIENIA / 1976 ("Linha de Sombra")

Um filme de Andrzej Wajda

Realização: Andrzej Wajda / *Argumento:* Boleslaw Sulik e Andrzej Wajda, adaptando "The Shadow Line" de Joseph Conrad / *Direção de fotografia:* Witold Sobocinski / *Operador de câmara:* Andrzej J. Jaroszewicz / *Direção de arte:* Teresa Barska, Allan Starski / *Decoração:* Maria Osiecka-Kuminek / *Guarda-roupa:* Wiesława Starska, Krystyna Zachwatowicz / *Maquilhagem:* Anna Adamek, Halina Ber / *Música original:* Lech Branski, Wojciech Kilar / *Maestros:* Lech Branski, Konrad Bryzek / *Som:* Wiesława Dembinska / *Montagem:* David Naden / *Assistentes de realização:* Michael Darlow, Krystyna Grochowicz, Zbigniew Kaminski, Magdalena Stelmaszczyk, Zorika Zarzycka / *Interpretação:* Marek Kondrat (Capt. Joseph Conrad), Graham Lines (Burns), Tom Wilkinson (Ransome), Bernard Archard (Capt. Elis), John Bennett, Martin Wyldeck (Capt. Giles), Richard Bartlett (médico), Piotr Cieslak (Miles), Zygmunt Hübner (Capt. Kent), Eugeniusz Priwieziencew (Franchy), Gordon Richardson (médico), Stanislaw Tym (Jacobus), Jerzy Zelnik (Rowley), Tadeusz Bartosik, Malgorzata Braunek, Peter Cartwright, Iga Cembrzynska, Geoffrey Collins, Marian Czyzewski, Bozena Dykiel, Stefan Friedmann, Piotr Garlicki, Geoffrey Hinsliff, Tadeusz Jastrzebowski, Emilia Krakowska, Krzysztof Kumor, Jolanta Lothe, Zygmunt Maciejewski, Tomasz Moscicki, Adam Perzyk, Radoslaw Piwowarski, Wojciech Pszoniak, John Quentin, Igor Sawin, Maciej Staniewicz, Jeffrey Wickham, Joanna Zólkowska.

Produção: Zespół Filmowy „X”, Thames Television (Polónia, Reino Unido, 1976) / *Produtor:* Jolyon Wimhurst / *Cópia:* digital (a partir de suporte em 35mm), cor, falada em inglês e polaco, legendada em inglês (nas narrações em polaco) e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 101 minutos / *Estreia inglesa (televisão):* 1 de julho de 1976 / *Estreia polaca:* 6 de setembro de 1976 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

SMUGA CIENIA é uma produção anglo-polaca, feita para a Film Polski e para a Thames Television. Grande parte dos actores são ingleses e vários técnicos também o são. A versão que veremos, falada em inglês, é, pois, uma das versões originais da obra, pois, como é costume em casos semelhantes, os actores são dobrados nas línguas respectivas para duas versões simultâneas no idioma dos países co-produtores.

Há boas razões para esta colaboração anglo-polaca. Efectivamente o autor do romance donde o filme foi extraído, o grande romancista Joseph Conrad (1857-1924) nasceu na Polónia, na cidade de Berdichev, que então fazia parte da Ucrânia e estava sob domínio russo. Verdadeiramente, chamava-se Josef Teodor Konrad Korzeniowski. Foi só em 1886, quando o escritor contava quase trinta anos, que se naturalizou inglês e mudou o nome para aquele que lhe deu a celebridade. Se Conrad, que começa a escrever só depois dessa data, se exprimiu literariamente em inglês, língua de toda a sua obra e que se tornou o seu verdadeiro idioma, não é menos verdade que as raízes polacas se encontram igualmente nesta e o escritor evocou vezes sem conta a Polónia oprimida da sua infância, a trágica morte dos pais (presos por razões políticas, deportados para a Rússia e mortos quando Conrad tinha apenas doze anos) bem como nunca escondeu a sua patente dívida para com a cultura polaca, nomeadamente Mickiewicz e Slowacki. A sua obra situa-se, assim, na confluência de duas culturas, a originária e a que posteriormente adoptou. Facilmente se explica, pois, que os dois países tenham estado interessados num filme sobre um autor que é património de ambos.

Mas Conrad não deve apenas à cultura polaca e inglesa. Desde muito novo (1873) que a sua paixão foi o mar e, como oficial da marinha mercante (francesa, primeiro, inglesa mais tarde) durante cerca de vinte anos (1873-1894) percorreu quase todos os oceanos e, sobretudo, o Oriente que tão funda marca havia de deixar na sua obra. Se esta tem sempre uma conotação fortemente autobiográfica (em quase todos os livros, Conrad é o protagonista) a marca das suas experiências

marítimas, das suas viagens e dos seus contactos com a cultura orientais, permaneceu duradouramente nele e é um dos traços mais específicos do seu universo literário.

The Shadow Line, o romance de onde foi extraído o filme de hoje, foi publicado em 1917 e é muito posterior a algumas das obras mais famosas de Conrad como *Almayer's Folly* (1895), *The Nigger of the "Narcissus"* (1897), *Lorde Jim* (1900) (também já levado ao cinema na versão assinada por Richard Brooks) ou *Typhoon* (1902). Os críticos costumam considerar *The Shadow Line*, como *Victory*, as obras da sua plena maturidade e foram elas, também, que lhe granjearam a grande reputação que conheceu nos últimos anos da sua vida e que não deixou de aumentar após a sua morte, sobretudo desde que Gide o fez publicar em francês e lhe dedicou alguns ensaios famosos.

Contudo, as razões que terão levado Wajda a adaptar este livro ao cinema não foram, apenas, de índole nacionalista. Num universo profundamente dominado por problemas morais (o bem e o mal, a culpa e o medo) a temática de Conrad, que gira igualmente em torno desses temas, não podia deixar de ter uma estranha ressonância e percebem-se bem as afinidades entre o escritor e o realizador. Mas Wajda soube entender a obra de Conrad no que ela tem também de oposto ao estilo característico das obras do cineasta. De facto, se o romantismo é uma constante dos romances do autor de *Typhoon*, ele está quase sempre jugulado por uma prosa dum classicismo admirável, que raramente cede ao excesso, ao efeito ou ao circunlóquio. O estilo de Conrad é de uma admirável transparência, formando um grande contraste com o seu mundo sombrio e sinuoso, onde a solidão moral, o sentimento de culpa, o medo e a ideia de "segunda oportunidade" dada a todos os homens são constantes temáticas.

Compreendendo-o, Wajda refreou neste filme o seu habitual barroquismo, ou aquilo a que alguns críticos têm chamado «expressionismo romântico» e **SMUGA CIENIA** parece ser uma das suas obras mais contidas e secas. Digamos que a Inglaterra está, deste modo, presente no filme, que em muitas alturas apresenta notáveis semelhanças com as produções médias britânicas. Não quer isto dizer que os fantasmas de Wajda não estejam presentes, sobretudo na acentuação da figura do imediato Burns, a mais bem composta das personagens deste filme.

Burns e a relação de Burns com o antigo capitão dominam, mais do que no romance de Conrad, a acção e ganham um relevo romântico e nocturno que a figura do capitão está longe de possuir. É pelo lado de Burns que o irracional (o navio fantasma, o diabo, as potências obscuras) entram na obra e não é por acaso que ele permanece sempre no fundo do barco, encarnando essa atracção do abismo que é um dos muitos escolhos que o capitão tem que vencer para voltar a acreditar em si próprio e nos outros. As sequências da calmaria, com o sábio uso da iluminação e da banda sonora, são o momento privilegiado para Wajda libertar os seus fantasmas e compor um dos ambientes em que é perito. Aliás, sem infidelidade ao universo de Conrad, não isento de tais sugestões. E os belos contra-*plongés* do Regina Maris com a sua insólita estátua na proa, acentuam o pendor esteticista de Wajda e a sua veia plástica, sempre presente ao longo da sua obra.

SMUGA CIENIA é uma excelente adaptação de um livro notável. Sem se sobrepor a Conrad, Wajda também não se limitou a ser um ilustrador. E o filme – o que é dizer bastante – restitui-nos o universo insólito e fechado, secreto e obsessivo de um dos maiores escritores da primeira metade deste século.

João Bénard da Costa